

ISSN: 2176-5960

PROMETEUS FILOSOFIA
CATEDRA UNESCO ARCHAI VIVA VOX
abril de 2017 número 22

ISSN: 2176-5960



A MORTE COMO MÁSCARA NAS *DIATRIBES* DE EPICTETO

Fernanda Lopes Oliveira - Mestranda da UFF
Marcus Reis Pinheiro – Professor da UFF

RESUMO: É possível não temer a morte? Para Epicteto, a resposta é: sim. Não apenas é possível como também é tarefa do filósofo superar o medo da morte. Para entender como Epicteto defende tal tese, tomaremos por base a *Diatribes* II.1, na qual o filósofo apresenta a imagem da morte como máscara (*mormolykeia*), mesma imagem usada por Platão no *Fédon* 77e. Em seguida, mostraremos como Epicteto propõe a eliminação do medo da morte por meio de exercícios (*áskesis*).

PALAVRAS-CHAVE: Estoicismo. Epicteto. Morte. Medo.

ABSTRACT: Is it possible not to fear death? For Epictetus, the answer is: yes. It is not only possible, but it is the philosopher's task to overcome the fear of death. To understand how Epictetus supports this thesis, we will focus on the *Discourse II.1*, in which the philosopher presents the image of death as a bugy (*mormolykeia*), the same image Plato uses in *Pheado* 77e. Next, this paper will summarize some exercises (*áskesis*) proposed by Epictetus to eliminate the fear of death.

KEYWORDS: Stoicism. Epictetus. Death. Fear.

A morte como tema filosófico em Epicteto

Segundo Epicteto, a mais urgente tarefa dos que se dedicam à Filosofia é libertar-se do medo da morte, pois ele é “o ponto de origem de todos os males que atingem os homens”.¹ Diante da perspectiva da morte, os homens, com medo, tentam por todos os meios evitá-la, mesmo que para isso tenham que agir viciosamente. Não levam em consideração a distinção fundamental do Estoicismo entre as coisas que dependem de nós (*eph' hēmîn*) e as que não dependem (*ouk eph' hēmîn*).

Das coisas existentes, algumas são encargos nossos; outras não. São encargos nossos o juízo [*hypólepsis*], o impulso [*hormé*], o desejo [*órexis*], a repulsa [*ékkklisis*] – em suma: tudo quanto seja ação nossa. Não são encargos nossos o corpo, as posses, a reputação, os cargos públicos – em suma: tudo quanto não seja ação nossa.²

A distinção entre o que depende ou não de nós tem por base o princípio de que não podemos controlar aquilo que está além do nosso próprio estado interno, ou seja, não é possível evitar que as coisas exteriores aconteçam como acontecem. Porém, podemos ajustar, em relação a elas, nossos (1) juízos, (2) impulsos e (3) desejos e repulsas (esta última dupla funciona em conjunto). Com isso, Epicteto defende que, diante de qualquer fato que nos ocorra – melhor dizendo, qualquer representação (*phantasia*) das realidades que nos ocorrem – devemos identificar se ela está ou não sob nosso encargo. Esses três tópicos são centrais na filosofia de Epicteto e neles estão o âmbito de nossa autonomia frente às representações que nos alcançam do mundo exterior. São por meio delas que nos relacionamos com essas representações. De modo geral, podemos afirmar que ainda que a recepção das representações (*phantasiai*) não possa ser evitada, o uso das representações, isto é, o modo como nos relacionamos com

¹ *Diatribes* III, 26.38. [...] *hóti kephálaion toúto pantôn tón kakón tîi anthrópoi*. As citações das Diatribes de Epicteto são traduções nossas do grego, a partir do texto: EPICETUS. *The Discourses as reported by Arrian, The Manual and fragments*. Trad. Oldfather. Cambridge: Harvard University Press, 1956. As exceções serão indicadas nas respectivas notas.

² *Manual* 1.1. EPICETUS. *O Encheiridion de Epicteto*. Edição bilingue. Tradução de Aldo Dinucci e Alfredo Julien. 1 ed. São Cristóvão: Universidade Federal do Sergipe, 2012. As citações ao longo do trabalho se referem a esta tradução.

elas, por meio dos desejos e repulsas, impulsos e juízos depende de nós e, por isso, precisa estar sob nosso controle³.

É necessário, então, fazer um exame de cada representação com a qual nos deparamos a fim de identificar se ela própria e o que com ela está vinculado estão ou não sob a nossa esfera de controle. Tudo aquilo que está fora dessa esfera, isto é, todos os objetos externos, são considerados indiferentes, porque não são passíveis de controle e, portanto, não interferem naquilo que é tarefa nossa. Sob essa ótica, o bem e o mal residem apenas no âmbito moral, isto é, dependem apenas do *uso* das representações, pois fora do âmbito do que é nossa tarefa não pode residir nenhuma responsabilidade.

Aquele que não souber examinar corretamente as representações tem a tendência a ter a vida cheia de entraves e aflições, pois confundindo facilmente as esferas das realidades que estão ou não sob seu encargo, pode buscar possuir e controlar aquilo que não está sob o seu encargo controlar – como fama, riqueza, poder e saúde, por exemplo. Como consequência, esse homem se tornará escravo⁴ (*andrápodon*) das coisas que busca⁵. Somente quando o homem deixa de tentar controlar os indiferentes⁶ (objetos externos) é que ele encontra a felicidade e a liberdade.

Tendo em mente tais concepções, podemos entender porque a morte ocupa um lugar privilegiado na filosofia de Epicteto: ainda que ela esteja na esfera das coisas que não dependem de nós e seja, por isso, um indiferente, os homens consideram a morte um mal e tentam, em vão, evitá-la.

³ Para uma introdução à epistemologia no estoicismo e conseqüentemente ao termo *phantasia*, ver o capítulo 1 “Epistemologia, Retórica e Gramática” de GOURINAT, J.-B. e BARNES, J. (ED.) *Ler os estoicos*. São Paulo: Edições Loyola, 2013. Ver também os capítulos sobre *phantasia* em LS 31A, 33C, D, F, 39A-G, 41A, C-E. As referências a LS neste texto remetem ao texto de: LONG, A.A.; SEDLEY, D.N. *The Hellenistic philosophers*. Vol. 1 e 2. Londres: Cambridge University Press, 1987.

⁴ *Andrápodon*: representa o prisioneiro de guerra acorrentado e arrastado pela cidade. Epicteto frequentemente usa o termo para se referir àqueles que vivem acorrentados em suas opiniões em comparação à liberdade (*eleutería*) encontrada na prática da filosofia.

⁵ Vale destacar o texto do *Manual XIVb*, em que Epicteto afirma: “O senhor de cada um é quem possui o poder de conservar ou afastar as coisas desejadas ou não desejadas por cada um. Então, quem quer que deseje ser livre, nem queira, nem evite o que dependa de outros. Senão, necessariamente será escravo”.

⁶ LS 2E, 58A-K.

Contextualizando a *Diatribes* II.1

Ainda que a morte seja um tema recorrente nas *Diatribes*⁷, um dos principais textos em que podemos conhecer o ensino de Epicteto sobre a atitude apropriada diante da morte e do medo da morte é a *Diatribes* II. 1, pois se trata do texto lapidar para se tratar da morte vista como uma máscara infantil. Seu tema principal, como explícito no título provavelmente inventado pelo redator do texto, Arriano, é sobre a possibilidade de se conciliar uma atitude confiante e corajosa (*tharreîn*) com uma atitude de cautela e cuidado (*eulabeîsthai*). O filósofo orienta seus jovens discípulos a cuidarem de seu estado interno e terem coragem frente aos fatos externos. Eles deveriam aprender a encarar com confiança coisas como a morte, a prisão e o exílio e com cautela as opiniões que temos sobre essas realidades inelutáveis.

Assim, a *Diatribes* examina primeiramente “se é verdade que é possível fazer todas as coisas tanto com cautela (*eulábeia*) quanto com confiança (*tharroúntos*)”⁸. A questão surge porque, aparentemente, as virtudes são contrárias uma a outra e, portanto, seria um paradoxo empregá-las simultaneamente. No entanto, Epicteto responde à questão inicialmente lembrando que a natureza do bem e do mal está no *uso* das representações. Aquilo que independe da nossa vontade (indiferente) não é bom nem mau e pode, portanto, ser encarado com confiança.

Se o mal consiste num mau exercício da vontade, a cautela deve ser usada somente nesse caso. Mas se as coisas independem da nossa vontade e não estão em nosso poder, elas não são nada para nós. Com relação a essas coisas, nós devemos empregar confiança.⁹

Porém, as pessoas comuns agem com cautela em coisas que não estão em nosso poder (como a morte, o exílio, a dor ou a infâmia) e não se preocupam em agir vergonhosamente, com precipitação ou ainda movidas pelo desejo irrefletido em relação

⁷ De acordo com o índice onomástico da edição da Loeb, encontramos o termo morte sendo citado ou referido nas *Diatribes*: I.1.27, 32; I.2.15,21,25; I.4.24; I.6.22,23; I.9.13,24; I.11.23,31,33; I.12.33; I.17.25; I.18.22; I.19.28; I.24.4,6,14; I.25.22; I.27.5,7,9,10; I.28.15,24; I.29.59; I. 30.2; II.1.13,14; II.6.13,18,27; II.7.2,6; III.3.15; III.5.5; III.8.2,5; III.10.13,14; III.18.2; III.20.12-14; III.22.21,33,34,60; III.24.27,60,71,88,93,99; III.26.3,38; IV.1.27,60,66,70,71,90,106,133,141,148,160,165,167,168,172; IV.5.15; IV.6.2; IV.7.4,15; IV.8.26,27; IV.10.11,12,14,27.

⁸ *Diatribes* II.1.1

⁹ *Diatribes* II.1.6-7

às realidades que estão sob nosso controle. Elas confundem ainda confiança com audácia, temeridade e desespero; e cautela com covardia e mesquinha.

Por isso, Epicteto enfatiza a necessidade de aplicar o princípio de distinção entre o que depende ou não de nós como chave para a ausência de medo. Seguindo tal princípio, reconheceremos que a morte pertence às coisas que devem ser enfrentadas com confiança, enquanto o medo da morte é evitável e precisa ser encarado com cautela, pois o medo neste caso é um juízo errado sobre determinada representação e, como visto, o juízo está no campo de coisas sob o nosso encargo.

A morte como máscara

Por um lado, empregamos a confiança em relação à morte; e por outro, a cautela em relação ao medo da morte. Mas agora, diante da morte, nós <empregamos> o pânico; e diante da opinião que temos sobre ela, nós <somos> despreocupados e indiferentes. Essas coisas, Sócrates apropriadamente chamou de máscaras. Pois as máscaras parecem terríveis para as crianças e são terríveis por causa da inexperiência. Nós sofremos por causa dessas coisas por nenhum outro motivo além daquele das crianças em relação às máscaras. Pois o que é a criança? Ignorância. Que é a criança? Alguém sem instrução. No momento em que veem e compreendem, elas não temem como nós. O que é a morte? Uma máscara. Vire-a e examine-a. Veja e compreenda que ela não morde.¹⁰

Ao tratar da morte, Epicteto usa uma figura bastante conhecida por seus interlocutores: a máscara (*mormolykeion*). O termo *mormolykeion* se refere à máscara de Mormo, uma espécie de monstro mitológico que comia crianças. A analogia de Epicteto alude a um costume da época em que os adultos contavam histórias e usavam a máscara de Mormo como instrumentos para amedrontar as crianças e fazê-las obedecer¹¹. Elas se assustavam, pois não sabiam que se tratava de uma ficção. Por sua inexperiência, elas ignoravam a verdade e, por isso, temiam.

Semelhantemente, os adultos que julgam a morte terrível agem como crianças diante de uma máscara monstruosa: falta-lhes experiência e instrução para efetuar a distinção entre o que depende ou não de nós. Se estivessem adequadamente preparados,

¹⁰ *Diatribes* II.1.14-17

¹¹ Talvez uma tradução apropriada em português seja “o homem do saco” ou “velho do saco”, como se diz pelo Brasil, em uma tentativa de assustar as crianças a obedecer e a não andar longe dos pais quando passeiam pela rua. Em inglês, *bugeyman*. Ver Aristófanes *Thesmophoriazousai* 417, *Arcanias* 582, a *Paz* 474.

constatariam que a morte não é um mal, pois não está sob nosso encargo (é indiferente). Por isso, não é a morte que amedronta e sim o julgamento que forma o medo perante ela.

Desse modo, tal como a criança deixa de se assustar quando descobre que seus monstros são apenas máscaras, se quisermos eliminar o medo, não devemos ignorar ou tentar fugir da morte, mas sim examiná-la para conhecê-la e meditar continuamente sobre ela: “Que estejam diante dos teus olhos, a cada dia, a morte, o exílio e todas as coisas que se afiguram terríveis, sobretudo a morte. Assim, jamais ponderarás coisas abjetas, nem aspirarás à coisa alguma excessivamente.”¹²

Vale indicar a torção na utilização do termo *mormolykeion*, torção esta primeiro operada por Platão (que veremos em seguida) e depois seguida por Epicteto. As máscaras que o termo *mormolykeion* designa, assim como o mostro *Mormo*, eram utilizadas para fazer com que a criança obedecesse e assim realizasse uma ação correta. Talvez se possa fazer alguma relação com a nobre mentira da *República* (414b-415e): certas mentiras podem ser usadas de modo útil à totalidade da sociedade, sendo assim qualificadas como uma mentira boa ou nobre (*gennaion pseúdos*). A torção interessante realizada é que aqui uma mentira (máscara ou lenda) que, anteriormente era utilizada para que a pessoa tenha uma boa conduta, está agora impedindo esta mesma boa conduta. Como uma criança que ainda acredita no bicho papão, o homem ao ter medo da morte oferece o seu assentimento a uma *phantasia* sem refletir devidamente, tendo medo de algo que não se deve ter medo. O sentido ético próprio ao termo em sua utilização corriqueira perde-se nesta utilização platônico-estoica do termo: antes uma mentira boa ajudava na boa conduta, agora uma mentira velha, assusta e impede a boa conduta, a coragem frente à morte.

Lembrando um pouco da ética estoica antiga, devemos frisar que evitar a morte é uma conduta aprendida naturalmente pelo impulso humano de auto conservação, ou *oikeiosis*. Toda refinada elucubração sobre os *preferíveis*¹³ (*tá progména*) entra em jogo aqui: apesar de as realidades externas como saúde, dinheiro e beleza serem indiferentes perante as únicas realidades realmente boas (as virtudes), essas realidades externas podem apresentar certo valor e devem ser escolhidas frente aos seus contrários, como doença, pobreza e feiura. A fuga da morte é preferível na medida em que todo o

¹² *Manual XXI*.

¹³ Ver LS 58 especialmente o 58E.

homem deve buscar realizar o impulso primordial da natureza, a autopreservação e a tentativa de desenvolver ao máximo as potencialidades da própria realidade individual. Assim, primeiramente, o homem foge naturalmente de coisas como a morte, a doença, a dor a injúria, etc. No entanto, essas realidades não têm um valor em si, na medida em que os seus contrários também ocorrem naturalmente e contribuem de alguma maneira para o todo da natureza. Se deve fugir da morte somente na medida em que se tenta preservar a própria natureza ao máximo *possível*, mas não buscando alcançar o impossível, que é nunca morrer.

Assim, em um primeiro momento dentro da teoria estoica, poderíamos imaginar permitindo-se às crianças o temor da morte, no sentido de não aceitá-la facilmente e de procurar evitá-la, na medida em que ela é contrária a um primeiro impulso natural de autopreservação. No entanto, essa criança para se tornar um homem completo deve sair desse nível de compreensão da realidade (que é o nível dos animais em geral) e ir para o do humano: o homem deve aprender a aceitar tudo o que for natural em sentido amplo e assim aprender a aceitar a morte. Nesse sentido, apesar de isso não ser o que Epicteto diz explicitamente, poderíamos imaginar uma utilização do termo *mormolykeion* para “morte” para além de um engano. Em um primeiro sentido, as crianças devem temer a morte como algo que não lhes é preferível, mas depois, ao virarem homens, essas crianças devem compreender a indiferença da morte, já que não é propriamente a fuga dela que lhes traz a felicidade, mas só a virtude pode lhes realizar completamente e lhes fazer feliz.

A imagem da máscara no *Fédon* de Platão

A imagem da morte como máscara não é uma inovação de Epicteto. O filósofo está, na verdade, usando o exemplo de Sócrates e retomando a analogia criada por Platão no *Fédon*. Epicteto diz, na *Diatrise* II.1, que é necessário seguir o exemplo de Sócrates¹⁴, que agiu tanto com confiança quanto com cautela. Enfrentou a morte com confiança e o medo da morte com cautela, examinando-o e eliminando-o. Para exemplificar a atitude de Sócrates diante dos seus discípulos, Epicteto retoma essa

¹⁴ Os estoicos, assim como outros filósofos helenistas, se consideram herdeiros da tradição socrática. No entanto, em certas passagens, é difícil definir se Epicteto se refere ao Sócrates histórico (tal como retratado por Platão nos diálogos de juventude) ou ao Sócrates platônico (retratado nos diálogos da maturidade, como é o caso do *Fédon*). Neste texto, nos referimos de modo geral a Sócrates, mas tendo em mente as dificuldades de interpretação que tal uso pode gerar.

figura da máscara de Mormo usada por Platão¹⁵ no *Fédon*¹⁶. No diálogo platônico, mesmo após a argumentação de Sócrates a favor da imortalidade da alma, Cebes e Símiás não se mostram completamente convencidos. Cebes então diz:

- Não são uns poltrões, Sócrates? Talvez, mas procura reconfortá-los! Admitamos, porém, que não sejamos poltrões, mas que dentro de cada um de nós há não sei quê de infantil a que este gênero de coisas causa medo. Por isso, esforça-te para que essa criança, convencida por ti, não sinta diante da morte o mesmo medo que lhe infundem as assombrações (*mormolykeia*).¹⁷

Ainda que a figura não tenha sido usada por Sócrates (isto é, foi utilizada pelo personagem Cebes), ele aceita a imagem de que dentro de nós, há um aspecto infantil, há “alguma criança em nós” (*tis en hemîn paîs*), que se assusta com coisas como a morte, tal como as crianças que se assustam com histórias e máscaras de monstros.

O diálogo segue mostrando como Sócrates, atendendo ao pedido de Cebes, ensinou aos discípulos sua última lição: a de que a morte, enquanto separação entre corpo e alma¹⁸, não deve ser temida, mas enfrentada com confiança.

O exercício de exame da morte

Apesar das diferenças entre a filosofia de Platão e de Epicteto, ambos os filósofos concordam que a eliminação do medo da morte só é possível por meio do exame. Trata-se de “virar a máscara”, isto é, de vê-la e compreendê-la tal como é.

Na orientação de Epicteto a respeito do exame da morte podemos ver ainda como se articulam os três campos da filosofia estoica, a física, a lógica e a ética. Em primeiro lugar, por meio da física, o estoico compreenderá o que é a morte – a separação entre o corpo e a alma¹⁹ – e que ela é necessária ao mundo para que o ciclo

¹⁵ Para a relação entre Platão e Epicteto, ver Jagu, A. *Épictète et Platon. Essai sur les relations du Stoïcisme et du Platonisme à propos de la morale des Entretiens*. Paris: Vrin, 1946.

¹⁶ A figura da criança interior aparece também no *Crítón* 46c, mas apenas no *Fédon* Sócrates mostra como lidar com ela. Muito provavelmente influenciados por Platão, essa imagem da criança interior também aparece em Sêneca *Carta 24*, 13; Marco Aurélio IX, 23

¹⁷ *Fédon*, 77 e. Tradução de José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa em: PLATÃO. *O Banquete, Fédon, Sofista, Político*. 1 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1972. (Coleção Os Pensadores).

¹⁸ *Fédon*, 64 c.

¹⁹ *Diatribes* II.1.17.

cósmico de mudanças aconteça, de modo que as coisas existentes deem lugar às que estão por vir²⁰.

Em seguida, com a lógica, diante da representação da morte, o filósofo ajustará seus juízos, compreendendo que “as coisas não inquietam os homens, mas as opiniões sobre as coisas. Por exemplo: a morte nada tem de terrível, ou também a Sócrates teria se afigurado assim, mas é a *opinião* a respeito da morte – de que é terrível – que é terrível!”²¹.

Esse ajustamento dos juízos deve ser constantemente exercitado de modo a se tornar uma atitude interior em que o filósofo, quando se deparar com uma representação difícil (*phantasia trakeía*), saiba imediatamente controlar seus pensamentos²² como podemos ver no *Manual XVI*: “Quando vires alguém aflito, chorando pela ausência do filho ou pela perda de suas coisas, toma cuidado para que a representação de que ele esteja envolto em males externos não te arrebate, mas tem prontamente à mão que não é o acontecimento que o oprime (pois este não oprime outro), mas sim a opinião sobre <o acontecimento>”.

Finalmente, com a ética, o filósofo compreende que a morte não é um mal e, portanto, não deve ser evitada. Consequentemente, ajustará seus os desejos e repulsas para um correto uso das representações, deixando de desejar ou ter aversão por aquilo que não depende de nós. Um exemplo disso pode ser encontrado no *Manual XIVa*: “Se quiseres que teus filhos, tua mulher e teus amigos vivam para sempre, és tolo, pois queres que as coisas que não são teus encargos sejam encargos teus (...). Mas se quiseres não falhar em teus desejos, isso tu podes. Então, exercita o que tu podes”.

²⁰ *Diatribes* III.24.10,11.

²¹ *Manual Va*. Grifo nosso.

²² FOUCAULT, M. *A Hermenêutica do Sujeito*. Curso dado no Collège de France (1981-1982). Trad. Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 388.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- EPICTETO. *O Encheiridion de Epicteto*. Edição bilingue. Tradução de Aldo Dinucci e Alfredo Julien. 1 ed. São Cristóvão: Universidade Federal do Sergipe, 2012.
- EPICTETUS. *Discourses of Epictetus*. Trad. George Long. New York: D. Appleton and Company, 1904.
- EPICTETUS. *The Discourses as reported by Arrian, The Manual and fragments*. Trad. Oldfather. Cambridge: Harvard University Press, 1956.
- ERLER, M. “Death is a bugbear: Socratic ‘Epode’ and Epictetus’ Philosophy of the Self.” In: SCALTSAS, T. e MASON, A. S. (eds.). *The Philosophy of Epictetus*. New York: 2007.
- FOUCAULT, M. *A Hermenêutica do Sujeito*. Curso dado no Collège de France (1981-1982). Trad. Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- GOURINAT, J.-B. e BARNES, J. (Ed.). *Ler os estoicos*. São Paulo: Edições Loyola, 2013.
- JAGU, A. *Épictète et Platon. Essai sur les relations du Stoïcisme et du Platonisme à propos de la morale des Entretiens*. Paris: Vrin, 1946.
- LONG, A.A.; SEDLEY, D.N. *The Hellenistic philosophers*. Vol. 1 e 2. Londres: Cambridge University Press, 1987.
- PLATÃO. *O Banquete, Fédon, Sofista, Político*. Trad. José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa. 1 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1972. (Coleção Os Pensadores).
- STEPHENS, W. O. “Epictetus on fearing death: bugbear and open door policy.” in *Ancient Philosophy* 34, 2014. Mathesis Publications. p. 365 – 391.